

A Escrita de si no Processo de Formação Acadêmica de Licenciandos em Pedagogia: o ensino da matemática em questão

Jónata Ferreira de Moura¹

GD7 – Formação de Professores que Ensinam Matemática

O artigo é fruto de uma investigação de doutorado, em andamento, visando desenvolver uma pesquisa-formação de cunho (Auto)Biográfico que tem como objeto o processo de formação acadêmica de uma turma de licenciandos em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (UFMA/CCSST), enfatizando as escritas de si. Questão central: “Como, a partir da escrita de si, se desenvolve o processo de formação acadêmica do estudante que ensina(rá) matemática na educação básica, destacando as marcas da matemática escolar, as resistências e as apropriações ao ensinar matemática durante o estágio curricular supervisionado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental?” Os objetivos são: 1) Analisar, a partir da escrita de si, como se desenvolve o processo de formação acadêmica do estudante que ensina(rá) matemática na educação básica, destacando as marcas da matemática escolar, as resistências e as apropriações ao ensinar matemática durante o estágio; 2) Identificar as marcas da matemática escolar na trajetória de formação desses licenciandos; 3) Entender como esses estudantes lidam com o conhecimento específico e pedagógico ao planejarem e ministrarem suas aulas durante o estágio; e 4) Analisar como esses licenciandos se apropriam de conceitos matemáticos e como suas representações podem influenciar em suas dificuldades em mudar certas representações, principalmente aquelas relacionadas à matemática escolar e ao ensino dela. Documentação para produzir os dados: Entrevistas Narrativas, Memorial de Formação, Narrativas de Formação, Grupo de Discussão e o Diário de Campo do Pesquisador. Baseando-me na teoria fundamentada, realizarei uma análise narrativa evidenciando a formação acadêmica do futuro professor que ensina(rá) matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental do curso de Pedagogia da UFMA/CCSST.

Palavras-chave: Escrita de si; Pesquisa-Formação; Curso de Pedagogia; Estágio Curricular Supervisionado; Educação Matemática.

Introdução

A escrita de si², seja na formação de adultos ou de crianças, tem crescido no Brasil nas últimas décadas. Muitos grupos de pesquisas têm investido anos de trabalho na compreensão da escrita de si, tanto no processo de formação, como para produção de dados para pesquisa. Um dos grupos que destaco é Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem), que foi criado em 2010 e é liderado pela professora Adair Mendes Nacarato. É constituído por pesquisadores e pós-graduandos envolvidos com

¹Universidade Federal do Maranhão/Universidade São Francisco, e-mail: jonatamoura@hotmail.br, orientadora: Dr.^a Adair Mendes Nacarato.

² Segundo Passeggi (2010), desde os anos 2000, no Brasil, observa-se um movimento que vem contribuindo para o crescimento das pesquisas envolvendo narrativas (orais, escritas, pictóricas e gestuais), por isso há uma multiplicidade de nomeações relativas ao uso de fontes (auto)biográficas, como: escritas de si, abordagem autobiográfica ou biográfica, método (auto)biográfico... Para este artigo adotarei a terminologia escritas de si, exceto nas referências bibliográficas por respeito ao texto original.

investigações centradas nas seguintes temáticas: narrativas (auto)biográficas de professores; narrativas de formação e histórias de formação docente (NCARATO, 2015). Faço parte do grupo e nele desenvolvo esta pesquisa de doutoramento.

A formação dos professores no Brasil tem enfrentado graves problemas no que se refere às aprendizagens escolares dos nossos estudantes. Para Gatti (2010, p. 1359) essa formação “[...] se complexifica a cada dia, avoluma-se a preocupação com as licenciaturas, seja quanto às estruturas institucionais que as abrigam, seja quanto aos seus currículos e conteúdos formativos”. Mesmo havendo um aumento na preocupação com as licenciaturas no Brasil, elas ainda ocupam um lugar secundário no nosso modelo universitário. “[...] Dentro desse quadro, a formação de professores é considerada atividade de menor categoria e quem a ela se dedica é pouco valorizado”. (GATTI; BARRETO, 2009, p. 258-259).

No que se refere ao ensino da matemática, Gatti e Barreto (2009) afirmam que há uma fragilizada formação dos campos disciplinares no curso de Pedagogia. O que muito se vê é uma pseudodiscussão conceitual alinhavada a metodologias que, em muitos casos, destoam das pesquisas sobre Educação Matemática na escola básica. Em contrapartida, criam-se políticas de formação com o intuito de melhorar, dentre tantas coisas, a formação matemática de professores. Entretanto, entendo que muitas políticas de formação não têm impactado positivamente no exercício docente devido sua concepção tecnicista-toyotista, deixando de discutir a trajetória de formação dos docentes.

Penso que pesquisas com licenciandos que ensinarão matemática na educação básica podem nos revelar indícios de como tem sido o ensino de matemática na educação nos últimos anos e, talvez, nos ajudar a pensar em situações que possam desconstruir representações equivocadas sobre a matemática escolar, como podemos ver em Pereira (2012), Prates (2014), Barbato (2016) e Caporale (2016).

Neste texto, investigo a escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (UFMA/CCSST) que ensina(rá)³ matemática na educação básica, destacando as marcas da matemática escolar, as resistências e apropriações ao ensinar matemática

³ Usarei esta expressão pelo motivo de que, há no grupo de estudantes sujeitos dessa pesquisa, aqueles que já atuam como professores na educação básica e outros que ainda não exercem a docência.

durante o estágio curricular supervisionado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental em Imperatriz⁴-MA.

Nas seções seguintes, discuto o aporte teórico que sustenta este texto, apresento a metodologia desenhada para a investigação e exponho algumas indicações que podem nascer das produções dos licenciandos em Pedagogia.

Referencial Teórico

As narrativas são formas elementares de comunicação humana ou, no dizer de Benjamin (1987), formas artesanais de comunicação. Pelas narrativas as pessoas contam suas histórias, lembram-se de suas experiências, encontram possíveis explicações para elas. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal”. Com as narrativas as pessoas rememoram o que aconteceu e atribuem sentido à experiência, uma vez que narrar é a forma elementar de comunicação humana.

Integradas ao método (auto)biográfico, as narrativas permitem, por um lado, entender o modo como os professores vivenciam suas realidades de sala de aula, sua prática docente, e, por outro lado, os projetos de desenvolvimento ou mudança futura. Elas também são muito utilizadas na constituição da formação docente, revelando a subjetividade dos licenciandos e suas realizações como futuros docentes. Para Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 58),

El presente interés por la narrativa viene a ser expresión, entonces, de una profunda insatisfacción con los modos habituales de investigación educativa, en los que la teoría descubierta era la base para la intervención docente; y donde las voces de los profesores eran silenciadas [...]

No entender dos autores, o método (auto)biográfico nas pesquisas educacionais, possibilita que venha à tona uma informação de primeira ordem para conhecer de modo mais profundo o processo educativo. As narrativas são um meio que permite aos professores e também aos licenciandos refletirem sobre sua vida profissional, e, assim, apropriarem-se

⁴ A cidade localiza-se às margens do Rio Tocantins e é cortada pela BR-010. Fica a 636 km de São Luís, capital do estado, e ainda está localizada na Região Tocantina, a qual recebe influências das características gerais amazônicas.

da experiência vivida, além de adquirir novas compreensões sobre si como base do desenvolvimento pessoal e profissional.

Não devemos conceber a narrativa a partir de um sentido trivial, que considera um texto em prosa como um conjunto de enunciados sequenciados. É necessário considerá-la como um tipo muito especial de discurso, consistente em uma narração, em que uma experiência humana é expressa em um relato. Segundo Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 20):

[...] una experiencia expresada como un relato; por outro (como enfoque de investigación), las pautas/formas de construir sentido, a partir de acciones temporales personales, por medio de la descripción y análisis de los datos biográficos. Es una particular reconstrucción de la experiencia (del plano de la acción al sintagmático del lenguaje), por la que – mediante un proceso reflexivo – se da significado a lo sucedido o vivido [...]

As experiências, no entender de Larrosa (2012), são situações que nos tocam, que nos passam, que nos acontecem, que nos mobilizam, que nos transformam; e para expressá-las utilizamos as palavras, pois pensamos a partir de nossas palavras, somos seres constituídos das palavras, somos viventes com palavras. Por elas e com elas construímos conceitos e representações sobre nós mesmos e sobre os outros e as coisas.

Esse mundo em que vivemos e muitos chamam de sociedade do conhecimento ou da informação nos distancia da experiência e nos aproxima ao paradoxo: “O sujeito da informação sabe muita coisa, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém [...] o que consegue é que nada o aconteça”. (LARROSA, 2012, p. 22).

Benjamim (1987), em caráter de denúncia, já dizia que esse ser humano, tal como descrito acima por Larrosa está cada vez mais pobre. Sua busca infreável pelo atual, pelo novo, pelos bens materiais, por mais e mais trabalho, por mais e mais prestígio o empobrece; ele devora tudo e se sente saciado e exausto, se enriquece do que é externo a ele e se empobrece de experiência.

Precisamos valorar as experiências, pois delas nascem os saberes tácitos que podem ajudar os futuros professores e também a quem já esteja em exercício, a compreender melhor os saberes formais, aqueles construídos nos chão da academia. É preciso criar situações em que os saberes tácitos dialoguem com os saberes formais e vice-versa, e uma das alternativas pode ser suscitada pelas experiências-referências e pelos grupos-referências descritos por Gabriel (2011).

Para a autora, as experiências-referências podem ser momentos que, ao tomar consciência de si ou não, foram moldando a biografia do ser humano. São experiências tomadas como referências na trajetória de formação das pessoas, por exemplo, as aulas de matemática, uma reprovação, o recebimento de uma premiação, a entrada no magistério e seus primeiros anos de atuação. Os grupos-referências estruturam nossa maneira de ser, pensar e agir, e são referências em nossas vidas para as mais diversas situações com que nos deparamos no contexto social. São grupos a que pertencemos desde a mais tenra idade, como a família, a igreja, a escola, a comunidade, o ambiente de trabalho e outros. Sobre a referência, Ricoeur (1994, p. 45) assinala:

Toda referência é correferência, referência dialógica ou dialogal. Não se trata, pois, de escolher entre uma estética da recepção e uma ontologia da obra de arte. O que um leitor recebe é não somente o sentido da obra mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si.

No intuito de narrar essas experiências-referências e esses grupos-referências vejo os acadêmicos na condição de viajantes, que viajando dentro de si, rememoram o que lhes tocaram e o que lhes aconteceram, seja na sua trajetória de escolarização, seja nas aulas no curso acadêmico ou ainda nos momentos de estágio em interação com professores em exercício e seus estudantes. Esse é um tipo de narrador que viaja por lugares distantes, e que ao voltar de suas viagens tem muito que contar, tem muito que contribuir com a construção do conhecimento (BENJAMIN, 1987).

Para o autor, toda narrativa é carregada de intencionalidade. Pode até não estar explícita, contudo, ela tem sempre em si uma intenção. Para ele, a verdadeira natureza das narrativas está em sua dimensão utilitária, e esta pode consistir num ensinamento, numa sugestão de ordem prática, na transmissão de uma norma ou até mesmo num provérbio. Essa dimensão a que se refere Benjamin (1987) sobre as narrativas, tem a ver com a capacidade do narrador de dar conselhos, este “[...] tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1987, p. 200).

As experiências e o saber da experiência vão se compondo como marcas que nos constituem e nos fazem ser o que somos. Marcas deixadas pelos outros, outras impressas por nós mesmos, muitas são as marcas que carregamos conosco, uma vez que o processo de formação tem semelhanças com o de socialização (DOMINICÉ, 2010).

Por ter verossimilhanças com o processo de socialização, a formação do ser humano não é solitária. Estamos rodeados de pessoas, que quando “[...] citadas são frequentemente as que exerceram [ou ainda exercem] influência no decurso da existência [...] são evocadas à medida que participam num momento importante do percurso da vida [...]” (DOMINICÉ, 2010, p. 86-87). Penso ainda que as marcas deixadas pelas pessoas em nossa trajetória de vida, de alguma maneira, impactam em nossas escolhas, atitudes e tomadas de decisões, e podem ser vistas em nossas ações.

Pela socialização os saberes docentes também são desenvolvidos. Os licenciandos em Pedagogia chegam ao curso de formação acadêmica com muitos saberes, dentre eles, os saberes escolares, os quais durante a trajetória de escolarização vão apropriando-se deles e relacionando-os a tantos outros que já possuem ou virão a possuir. Nessa mesma perspectiva, para professores em exercício Tardif e Raymond (2000) acreditam que os saberes que os docentes possuem são oriundos de lugares diferentes e carregados de marcas distintas, como mostram no Quadro 1:

Quadro 1: Tipologia dos saberes docentes

SABERES DOS PROFESSORES	FONTES SOCIAIS DE AQUISIÇÃO	MODOS DE INTEGRAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE
Saberes pessoais dos professores	Família, ambiente de vida, a educação no sentido lato etc.	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	Na utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Fonte: Tardif; Raymond, 2000, p. 215.

Para os autores, os saberes profissionais dos professores são plurais e não homogêneos, pois trazem à tona, no exercício da atividade docente, conhecimentos e revelações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversos, oriundos de fontes também variadas, as quais se supõem que sejam também de natureza distinta.

Considero os saberes pessoais e os saberes provenientes da escolarização como elementos da formação inicial que devem ser problematizados e discutidos no ambiente em que a

formação inicial terá seu clímax: o curso de graduação. Assim, vejo como plausível a assertiva de Nacarato, Mengali e Passos (2009), que sem investimento na formação acadêmica, dificilmente, conseguiremos reverter a situação da escola básica, em especial, a maneira como a matemática escolar ainda é ensinada por muitos professores e encarada pela sociedade em geral.

[...] o desafio consiste em criar contextos em que as [representações] que as futuras professoras foram construindo durante a sua escolarização possam ser problematizadas e colocadas em reflexão, mas, ao mesmo tempo, que possam tomar contato com os fundamentos da matemática de forma integrada às questões pedagógicas, dentro das atuais tendências em educação matemática. (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009, p. 37-38),

São essas representações que podem revelar o que uma pessoa pensa e como pensa sobre algo, sobre um tema, sobre um tipo de saber. É importante conhecer, dentre muitas coisas, como licenciandos que ensinarão matemática na educação básica têm construído suas representações sobre a matemática escolar, sobre o ensino da matemática e sobre os conteúdos matemáticos ensinados na escola básica. Uma entrada para se conhecer essas representações está no uso das narrativas orais ou escritas desses licenciandos, e também para entender como eles se constituíram e ainda têm se apropriado do conhecimento matemático.

Representações e apropriações são categorias que Roger Chartier desenvolveu e estão interligadas. Para o autor, representação é uma categoria fundamental para a análise sobre a maneira de como ler a realidade, ela é

[...] mais do que o conceito de mentalidade, ela (a noção de representação) permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23).

A preocupação com a recepção e com o uso das representações levou o autor a lançar mão de outro conceito-chave para seu arcabouço teórico: o conceito de apropriação. Através dessa categoria teórica, será dada a possibilidade de compreender como ocorrem os processos criativos de consumo das representações. Para Chartier (1990, p. 26), “A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das

interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

Por isso que analisar, via narrativas orais ou escritas, como futuros professores que ensinam(rão) matemática escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental se apropriam de conceitos matemáticos e como suas representações podem influenciar em suas dificuldades em mudar certas representações, principalmente aquelas relacionadas à matemática escolar e ao ensino dela pode ser uma entrada para a construção de estratégias para problematizar suas representações.

Uma dessas estratégias seriam os casos de ensino (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009) possibilitando aos estudantes lidarem com o conhecimento específico e pedagógico ao planejarem e ministrarem suas aulas durante o estágio curricular supervisionado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Refletindo e problematizando suas representações e apropriações sobre a matemática escolar, e também entrando em contato com os fundamentos da matemática de forma associada às questões pedagógicas, dentro das atuais tendências em educação matemática.

Metodologia da Pesquisa

Quando nos referimos às pesquisas em educação, o cenário brasileiro é vasto, seja pela diversidade de temas, seja pela variedade de abordagens utilizadas. Mas, é certo que “pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida” (GATTI, 2010, p. 12).

Os seres humanos não são coisas, como muitas pesquisas concebiam ou ainda concebem. E entendendo que somos seres sócio-histórico-culturais, Freitas (2007, p. 35), sustentada por Bakhtin e Vigotski, afirma: “[...] não sendo coisa, nem fenômeno natural, o homem está sempre falando, criando textos. Não há possibilidades de se chegar até o homem, sua vida, seu trabalho, sua luta, senão por meio de textos sógnicos criados ou por criar [...]”. Isso também porque somos seres dialógicos e, desse modo precisamos de nossos pares para estabelecer interlocução.

Dessa feita, realizo uma pesquisa-formação (JOSSO, 2010) amparada nos estudos (auto)biográficos inserida na abordagem qualitativa, que possui princípios, valores e preocupações distintas da pesquisa quantitativa; entretanto, também possui suas limitações.

Contudo, assim como entende Freitas (2002, p. 28), “trabalhar com a pesquisa qualitativa consiste, pois, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social [...]”.

Tendo como objeto de investigação o processo de formação acadêmica do estudante que ensina(rá) matemática na educação básica, enfatizando a escrita de si, desenvolvo uma pesquisa empírica de natureza qualitativa com uma turma de licenciandos em Pedagogia (UFMA/CCSST) de Imperatriz-MA, acompanhando-a durante o V, VI, VII, VIII e IX períodos no curso, especificamente com as disciplinas de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática e Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os objetivos construídos para esta pesquisa são: 1. Analisar, a partir da escrita de si, como se desenvolve o processo de formação acadêmica do estudante que ensina(rá) matemática na educação básica, destacando as marcas da matemática escolar, as resistências e apropriações ao ensinar matemática durante o estágio curricular supervisionado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; 2. Identificar as marcas da matemática escolar na trajetória de formação de futuros professores que ensina(rão) matemática escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; 3. Entender como estudantes que ensina(rão) matemática escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental lidam com o conhecimento específico e pedagógico ao planejarem e ministrarem suas aulas durante o estágio; 4. Analisar como futuros professores que ensina(rão) matemática escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental se apropriam de conceitos matemáticos e como suas representações podem influenciar em suas dificuldades em mudar certas representações, principalmente aquelas relacionadas à matemática escolar e ao ensino dela.

A documentação da pesquisa é constituída por Entrevistas Narrativas, Memoriais de Formação, Narrativas de Formação, Grupo de Discussão e o Diário de Campo do Pesquisador.

O material produzido será analisado tendo como suporte os estudos (Auto)biográficos, baseando-me na teoria fundamentada e assim realizar uma análise narrativa, colocando em evidência a formação acadêmica do futuro professor que ensina(rá) matemática na

educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental do curso de Pedagogia da UFMA/CCSST de Imperatriz/MA.

Segovia (2014) afirma que na teoria fundamentada as categorias, ou eixos de análise não são concebidos *a priori*, mas nascem dos sujeitos da pesquisa. E os instrumentos para geração dos dados são essenciais para este nascimento. Assim, nesta pesquisa de doutoramento, as possíveis categorias e/ou eixos de análises serão frutos da escrita de si dos licenciandos em Pedagogia da UFMA/CCSST.

Conclusão

Parto do pressuposto de que a mediação biográfica da escrita de si pode impactar positivamente na formação acadêmica dos licenciandos do curso de Pedagogia da UFMA/CCSST para o ensino da matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

A mediação biográfica é um dos instrumentos utilizados pelo movimento das histórias de vida em formação. Movimento este que alicerça as investigações do tipo pesquisa-formação, na qual esta pesquisa se inscreve. Sua singularidade está na “[...] constante preocupação com que os autores de narrativas consigam produzir conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos”. (JOSSO, 2010, p. 33).

Com a pesquisa, pretendo evidenciar a formação acadêmica do futuro professor que ensina(rá) matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental do curso de Pedagogia da UFMA/CCSST de Imperatriz/MA, chamando atenção das políticas educacionais para o processo de autoformação.

Referências

- BARBATO, Christiane Novo. **A constituição profissional de formadores de professores de Matemática**. 2016. 319f. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade São Francisco, Itatiba/SP.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-121. (Obras Escolhidas, v. 1).

_____. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfica-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralia, 2001.

CAPORALE, Silvia Maria Medeiros. **Escrever e compartilhar histórias de vida como práticas de (auto) formação de futuros professores e professoras de matemática**. 2016. 239f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação de alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 83-95. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-32, jul. 2002.

_____. A pesquisa em educação: questões e desafios. **Vertentes**, São João Del Rei, n. 29, p. 28-37, jan./jun. de 2007.

GABRIEL, Gilvete de Lima. **Narrativas autobiográficas como prática de formação continuada e de atualização de si: os grupos-referências e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente**. Curitiba: CRV, 2011.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3. ed. Brasília: Liber, 2010. (Série Pesquisa, 1).

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elza S. Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl.. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acessado em 20 de mar. de 2013.

NACARATO, Adair Mendes. As narrativas de vida como fonte para a pesquisa autobiográfica em Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**. v. 8, Número Temático, p. 448-467, 2015.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Leme da Silva; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PEREIRA, Cristiane Cardoso Maia. **A formação matemática de professores polivalentes em início de carreira nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

PRATES, Ellen Marques de Oliveira Rocha. **Narrativas de graduandos do curso de pedagogia**: representações sobre a profissão docente e o silenciamento sobre a matemática escolar. 2014. 196 f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

RICOEUR, Paul. A tríplice mimese. *In*: _____. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas. Papirus, 1994, p. 85-131.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n.º 73, p. 209-244, Dezembro/2000.